

# Sozinhos na vida e morte

Saulo Araújo

No quarto 313 do Hospital Regional de Samambaia (HRSam), Tânia Maria dos Santos Pereira espera há quatro meses por uma visita. Ela sofreu um acidente vascular cerebral (AVC), o popular derrame e, hoje, vegeta em cima de uma cama. Apenas os olhos se movimentam. Um olhar que mistura os sentimentos que mais maltratam a alma do ser humano: súplica, dor e rejeição.

Bem perto dali, Robson Fabiano Silva não sofre mais. Ele morreu vítima de uma overdose, vivia na rua. O serviço social da unidade hospitalar identificou um parente na QI 02 de Taguatinga Sul, mas a casa está abandonada. O corpo do jovem de 24 anos está na geladeira da anatomia patológica do hospital desde o dia 4 de junho. Se até a próxima semana nenhum familiar se apresentar, ele será sepultado como uma pessoa que nunca existiu. Se servir de consolo, pelo menos seu nome será esculpido na lápide de seu túmulo, ou seja, não descerá à cova como um anônimo. Entre os dois casos citados, uma semelhança cruel preocupa: vivos ou mortos, eles não têm ninguém.

O abandono de pacientes e corpos nos hospitais da rede pública de saúde não se resringe à Samambaia. Segundo a Secretaria de Saúde do DF, não existem estatísticas para estimar quantos casos atualmente estão nesta situação e quanto o Estado gasta para prestar assistência aos abandonados nos hospitais públicos. Mas um levantamento feito pelo **Jornal de Brasília**, revela que, hoje, pelo menos quatro corpos aguardam por identificação e cinco pacientes internados amargam a dor de conviver com a doença sozinho, esquecido.

## Fio de esperança

Quem luta contra a morte nos leitos dos hospitais ainda alimenta a esperança de ser lembrando por algum familiar, amigo, um vizinho que seja. Quem faleceu, vai para o túmulo sem ter cerimônia religiosa, flores ou alguém chorando por eles. O único gesto de respeito que recebem vem do coveiro, que faz o sinal da cruz a cada corpo enterrado sem um parente por perto. Esses são os chamados enterros sociais.

Segundo dados da Secretaria de Ação Social e Trabalho (Sedest) todos os meses, cerca de 800 pessoas são sepultadas nos seis cemitérios do DF: Campo da Esperança (Plano Piloto), São Francisco de Assis (Taguatinga), Santa Rita (Plano Piloto) e os de Sobradinho, Gama e Brazlândia. Dos enterros, quase 140 (17,5%) são sociais, que engloba indígenas, pessoas de outros estados, cujos parentes não possuem condições financeiras de viajar e arcar com os custos de um sepultamento e, principalmente, moradores de rua.

No Hospital Regional de Taguatinga (HRT), o problema é em dose dupla. O Núcleo de Internações e Altas (NIA) procura por familiares ou conhecidos de José Wilson, 38 anos, e Marilene de Sousa (entre 25 e 30 anos). O óbito dos dois pacientes ocorreu, respectivamente, nos dias 21 e 30 do mês passado e até hoje ninguém apareceu para reclamar os corpos. O homem morreu por problemas decorrentes da bebida. A mulher, moradora de rua, deu entrada com dores no peito, vômitos, obstrução nasal e sofreu duas paradas cardiorrespiratórias.



TÂNIA NÃO SABE DE ONDE VEIO E NUNCA RECEBEU VISITA DE PARENTES OU AMIGOS. ELA TEM DE ENFRENTAR A RECUPERAÇÃO DE UM DERRAME EM MEIO AO SENTIMENTO DE REJEIÇÃO

FOTOS: ED ALVES